

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

82.09
01486
ex = 1
C 92569565

**A BUSCA DA LIBERDADE PELA PERSONAGEM RAQUEL NA OBRA A
BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA**

Nazira Luiza Adriano de Oliveira

Pontes e Lacerda - MT, fevereiro de 2003

nao

BIB	10
UNC	
REN	9486
Data	14, 08, 03

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A BUSCA DA LIBERDADE PELA PERSONAGEM RAQUEL NA OBRA A
BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA**

Ensaio monográfico desenvolvido no
Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa,
Inglesa e Literaturas, no VIII Semestre do
Curso de Licenciatura Plena em Letras –
UNEMAT – Campus Universitário de Pontes e
Lacerda.

Orientador: Prof. José Maria de Sousa

Nazira Luiza Adriano de Oliveira
(Orientanda)

José Maria de Sousa
(Orientador)

Profª. Ms. Madalena Aparecida Machado
(Coordenadora de Monografia)

Dedico este ensaio monográfico à minha mãe,
ao meu pai (in memoriam), à minha família, aos
meus irmãos, em especial ao Nelídio e à
professora Cleunice.

Agradeço ao meu pai, a minha mãe, aos meus irmãos, ao meu orientador José Maria, aos meus professores: Cleunice Maria, Mércia de Almeida, Shirley, (in memorian) José Leonildo Lima, Welington, Taisir, Elvio Júnior, Dioniz e Carmem Zirr.

Aos meus colegas de trabalhos em grupos: Aparecido, Izabel, Margarida, Washington, Celso, Sueli, que durante os quatro anos souberam entender e compreender-me da maneira como sou .

Agradeço de coração a todos que ajudaram-me na realização deste sonho.

Sua apreensão consciente do mundo, pelo modo de conhecer dos adultos, ainda pouco exercido, é fonte de angústia, enquanto que a vida em sua origem, efervescente e desorganizada, força cega e inconsciente que ela traz em si, que é ela, conhece o mundo de outra maneira.

(LAUWE)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
O Imaginário e os Conflitos Infantis	09
CAPÍTULO II	
Mundo da Família de Raquel.....	15
CAPÍTULO III	
Os Questionamentos de Raquel e o seu Processo de Conscientização.....	24
Considerações Finais.....	34
Bibliografia.....	36

INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte que surpreende, comove, sugere e produz universos imaginários fantásticos. É através da literatura que vivenciamos vários momentos ligados à fantasia e também podemos refletir sobre os vários acontecimentos que ocorrem na sociedade como sobre tudo o que acontece no interior de cada pessoa. A literatura Infantil, em especial, que atualmente vem deixando de ser um gênero menor, tem produções clássicas que vão de Monteiro Lobato, um dos precursores deste gênero, até Lygia Bojunga Nunes, que conseguiu prestígio entre os críticos desse segmento literário.

Desse modo, não é tanto pelo prestígio da autora, mas pelo conteúdo de suas obras que nos interessa tratar neste trabalho monográfico a partir da obra *A Bolsa Amarela*. Assim pretendemos abordar atentamente elementos da obra que possam nos ajudar a entendê-la melhor. Lygia Bojunga Nunes mostra como uma criança pode se sentir sufocada no seio familiar sem diálogo e ser notada e tratada com respeito a partir de seus direitos básicos. A autora mostra como os problemas familiares afetam uma criança, mas a forma como os problemas de ordem social e cultural, os conflitos existentes no interior das personagens como o medo, as angústias causadas por motivos de outras ordens. É assim, que a autora em *A Bolsa Amarela*, acaba misturando o real e o fantástico.

O objetivo deste trabalho, através da análise da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, é mostrar o comportamento dos adultos e seus reflexos nas crianças. Assim, dividimos o trabalho em três capítulos: o primeiro, discute o uso do imaginário para a resolução de seus conflitos; o segundo, discute, mais especificamente, aspectos relativos ao mundo da personagem-protagonista Raquel; o terceiro, visa discutir a importância dos

questionamentos da personagem para a aquisição de uma consciência crítica sobre si mesma.

Ao abordar os conflitos da menina Raquel, a obra torna-se mais interessante, pois se enquadra num discurso estético condizente com as expectativas do público infanto-juvenil pelo apurado censo crítico que desperta no leitor a partir da visibilidade e envolvimento em alguns aspectos essenciais da obra.

CAPÍTULO I

O IMAGINÁRIO E OS CONFLITOS INFANTIS

A obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga traz à tona uma crítica ao modo de organização da sociedade, na qual a criança é tida como um ser inferior que não tem vez e voz. A obra tematiza exatamente a opressão infantil enfocada pelo prisma de Raquel, que no seio de uma família, não lhe permite o direito de ser criança. A protagonista não é enxergada pela família, pois ao lerem os seus escritos, consideram mentiroso o seu mundo imaginário, não aceitam os seus questionamentos.

A obra mostra a protagonista questionando a tudo e a todos e inclusive a si, pondo em questão a estrutura patriarcal. A personagem usa para isso o recurso da fantasia, que é o meio privilegiado que a criança faz recorrência para resolver os conflitos e choques que incidem sobre ela diante das adversidades naturais e convencionais do mundo. Assim, ela pode soltar sua voz sem se preocupar com as regras morais que a sociedade impõe. Nesse sentido, Sandroni chama a atenção para o fato de que *os conflitos nas personagens se resolvem através da fantasia, que é entendida como parte integrante da vida psíquica da criança*.

Naturalmente, para os adultos a criança é apenas um ser frágil a quem se deve proteger ou ao contrário, um ser que merece apenas um pouco mais de cuidado. Assim, no seu de sua família Raquel é vista como alguém que deve ser obediente e dócil e não criativa e questionadora. Fato este que acontece em muitas famílias que ainda não percebem a sensível inteligência de uma criança, de tal forma que podemos perceber isso na família da

personagem quando a mesma se dirige ao personagem imaginário: *Não adianta André; gente grande não entende a gente. E então é eu não te escrever mais.*¹

Para Raquel a invenção da suposta correspondência com o amigo André, em seu psicológico (Raquel) provém do distanciamento entre família. A menina não consegue entrosar-se, ou seja, fazer parte daquele núcleo, já formado antes de ela ter nascido: *Eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé.* Raquel ao dizer que *ser escritora quando criança não dá pé* demonstra a crítica de Bojunga em relação à sociedade, pois criança é aquele ser que ainda não se encontra contaminada pelos valores sociais todos como “corretos” pela sociedade. Com isso a criança ao escrever, estará questionando o mundo que a cerca e não reproduzindo os valores sociais que são características próprias dos adultos, que geralmente se encontram totalmente alienados ao sistema.

Zilberman² considera que esses elementos presentes em obras de Lygia Bojunga, especialmente em *A Bolsa Amarela* compõem parte de uma proposta da autora de levantar os questionamentos necessários do status e a partir da instituição familiar, cuja estrutura patriarcal ainda está fortemente presente, principalmente nas classes médias baixas e populares, contextos em que se determinam a minimização das mulheres e a sufocação da criança como um ser capaz de ter vida inteligente. Com isso, as críticas às organizações sociais mais amplas que à semelhança da família, tem um chefe que governa pela asfixia dos comandos.

A protagonista Raquel não aceitando ser asfixiada pela estrutura familiar cria seu mundo imaginário, onde seria tratada com igualdade podendo participar de forma justa nas decisões de sua família. A cada dia Raquel luta com suas dificuldades de ser criança, tem que provar suas capacidades a cada instante. Tudo isso faz com que a menina passe por um longo período de busca de sua identidade. A incompreensão das pessoas que mais ama a faz sofrer muito.

¹ Lygia Bojunga Nunes. *A Bolsa Amarela*. 32. ed. Rio de Janeiro, Ed. Agir 1998, p. 17.

² MAGALHÃES, Ligia Cademartori. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, Ensaios 82. Ática. 2 ed. São Paulo, 1984, p. 146

É no meio de toda essa turbulência interior que a menina inventa um mundo mágico, cheio de aventuras, ao que ela dá vida e voz aos mais variados seres que encontra pela frente, tanto faz se é um animal ou simples objetos. Tudo vai sendo colocado dentro de sua (Raquel) inseparável bolsa amarela. Sendo assim cada um deles (seres) que morava dentro dela representava de algum modo à própria Raquel, as diversas facetas da formação de sua personalidade que Raquel expressa: *Minhas vontades estavam presa na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.*³

Entre as histórias dos objetos da bolsa amarela, o *Terrível* é um objeto que muito simboliza a situação familiar de Raquel, pois este representa: autoritarismo, imposição, carência de liberdade de pensamentos, ou seja, de poder dialogar com os demais. Sendo que o próprio nome *Terrível*, já radicaliza o sofrimento de um indivíduo a ser submetido a uma integração coletiva. Ao mesmo tempo, este objeto, o galo denominado de *Terrível* ao ter o cérebro costurado significou o podamento das idéias de Raquel.

Contudo, Raquel por ser solitária cria em seus escritos um galo Rei, que no desenrolar da história concretiza-se em Afonso. Esse preenche simbolicamente a presença paterna a qual Raquel não teve em sua infância. Mas há algo semelhante entre eles, que é de não aceitar a vida que é imposta aos mesmos, ou seja, *Afonso* não queria ser um tomador de conta de galinha, apenas Afonso, só um ser companheiro, democrático, idealista, que não aceita a submissão de seu dono e do sexo feminino e sim a integração dos seres, todos decidindo juntos. Era dessa forma que Raquel desejava viver em família.

O parentesco de *Terrível* com Afonso significa o oposto comportamento entre Raquel e o primo Alberto; ela, por ser criança ainda em fase infantil, aparentemente apresenta responsabilidades de pessoa adulta em si mesma, enquanto que ele já na fase de adolecer traz consigo marcas do período infantil vivido na pré-escola.

Através de *A Bolsa Amarela*, Bojunga retrata o mundo infantil reprimido, negligenciado pelos adultos, um sistema familiar que ignora o ser infantil, suas necessidades, seus sofrimentos gerando na personagem Raquel um conflito interno que o leva a omitir-se das questões familiares, proporcionando um desejo de ser diferente, e assim se encaixa no meio familiar e social: *que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é*

³ Idem, 30

*que vão ter responsabilidades que (...) puxa vida! (...) vocês é que vão ter tudo.*⁴ A Guarda-Chuva no primeiro momento remete a proteção da família, do lar, mas no segundo por ser feminina torna-se semelhante à mãe e às irmãs. A mãe porque não a defende das irmãs. E as mesmas deixam-na furiosa.

A bolsa amarela é o ponto de referência, objeto-chave, no romance de Lygia porque o peso da bolsa se relaciona às brigas em família, pois a mesma já está cansada e aborrecida com tudo isso. A bolsa amarela que Raquel ganha representa ser sua companheira inseparável, sua confidente na qual ela guardará seu imaginário, mas por ser um objeto inanimado será mais sensível que o próprio ser humano.

A cor amarela, no título da obra, *A Bolsa Amarela*, escolhida por Bojunga, pode não ser mera coincidência e sim ter relações com Raquel e Afonso que é o medo que estes demonstram nela: ele, o medo, aparece por causa da convivência em família, as críticas e medo de descobrirem seus guardados na bolsa amarela: *Minhas vontades tavam presa na bolsa amarela (p.30)*. Já em Afonso o medo provém do antigo dono, medo de ser recapturado e voltar a viver a antiga vida. Na linguagem popular o amarelo transmite a idéia de medo, negatividade.

Ria amarelo e explicava:

(...) E se meu antigo dono ta no avião e me vê pela janela? (...)

*Apertou bem a máscara. (...) Já pensou se ele abre a janela,
me agarra e me leva de volta para o galinheiro?*⁵

Para Raquel sua vida é amarga desprovida de seiva. Isso pode ser justificado pela imposição de seus familiares, esses que empurram a criança para uma condição de fúria promovida pelo desrespeito com o próximo. É nesse ambiente de repressão que revelam seu caráter de acordo com a circunstância e de acordo com a posição social.

O medo de Raquel e de Afonso também aparece em nossas crianças, por não entenderem seus familiares e suas regras. Impossibilitados de alcançar uma vida digna são movidos pelo ódio, desprezos, vão morar nas ruas. Isso ocorre porque vivemos em uma

⁴ Idem, pág. 16

⁵ Idem, pág. 111

sociedade hipócrita que subjuga os valores alheios e esses podem levar a uma explosão de ódio e à marginalização de uma criança que só queria viver com dignidade. *Por isso inexiste a noção de privacidade de vontade individual, já que o chefe de família centraliza o todo e defende seus interesses, assim como está ausente uma solidariedade...*⁶

Dentre os objetos da bolsa, um pequeno “Alfinete de Fralda” enferrujado ocupava sempre o mesmo lugar, estando presente nos momentos difíceis de Raquel. Este Alfinete na obra poderia estar representando a busca constante da infância, pelo reconhecimento de sua existência por parte dos adultos. Pois esta não aceita os conceitos prontos e acabados que o mundo real representado pelos adultos insiste em passar para as crianças.

O *Alfinete* por ser pequeno, demonstra duas passagens na vida de Raquel, uma serve para segurar suas idéias e suas aflições de infância, ocorridas durante o encontro familiar, a outra perfura provocando uma dor aguda, mas passageira, assim é sua família. Então o *Alfinete de Fralda* foi o ponto de partida para a descoberta de um novo caminho, pois através dele Raquel se depara com a *Casa dos Consertos*; dessa forma ela percebe hábitos diferenciados do seu convívio, o que possibilita-lhe a percepção de uma nova visão de mundo para uma nova realidade familiar.

Sendo assim, o contato de Raquel com este ambiente *diferenciado* provocou nela atitudes novas, transformando-as em um ser infantil de verdade. Raquel então se humaniza perante um convívio familiar diferente daquele do qual ela fazia parte. Isso a faz perceber que a realidade e o imaginário não são as mesmas coisas; dessa forma ela deixa de querer ser o que não é, e se aceita como criança.

Laura Sandroni considera que Raquel acaba por descobrir que gente grande não é tão difícil como pensava antes. A menina sente-se segura o suficiente para soltar suas vontades reprimidas: *Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande (p113)*. Sobraram na bolsa apenas o *Alfinete de Fralda* e a vontade de escrever, representando ambos a busca pelo novo, a busca de estar sempre criando e inovando.

No capítulo *A Praia*, nota-se que a autora utiliza o mar para caracterizar uma transformação no crescimento interior da personagem Raquel. O mar, o infinito, a beleza e imensidão das águas serão as testemunhas do crescimento interior da menina, dando início

⁶Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação, Ensaios, p. 5.

a uma outra fase de sua vida que é a adolescência. *A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve* (p.115)

As palavras de Raquel, acima mencionadas, demonstram claramente que até mesmo sua maneira de falar já não era a mesma. A menininha dos primeiros capítulos saía para dar lugar a uma outra, mais amadurecida, dando a idéia de que ela não poderia viver definitivamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir a realidade no momento certo. Encontra-se a saída do labirinto no qual vivia. Outros sonhos vão surgir, está se conhecendo melhor. A busca de si mesma continuará, pois enquanto há vida haverá sonhos, desejos e vontade. E assim ela se encontra a cada dia um pouco mais.

CAPÍTULO II

MUNDO DA FAMÍLIA DE RAQUEL

A família é uma das mais antigas instituições criadas pela humanidade e é a base da estrutura social. E o casamento é a base da família. Daí a importância que a igreja ainda ressalta ao ato matrimonial. Hoje, a família é muitas vezes um mero lugar em que os membros de uma família se encontram, comem e dormem. Até mesmo esses momentos podem não acontecer em virtude do ritmo da vida moderna.

A família é a célula da sociedade e o seu maior sustentáculo, a sua força moral máxima, o enfraquecimento da mesma acarreta na decadência moral de uma sociedade e dos laços essenciais, morais entre pais e filhos se afrouxam. Os pais por falta de tempo não dão aos filhos o afeto, carinho e a atenção necessária. Em virtude disso, cresce a violência, fruto das frustrações do indivíduo desde a sua infância, por ser de uma família que não teve a oportunidade de crescer unida, acabou por se desfazer, deixando seqüelas ainda maiores.

É assim que acabamos por produzir seres humanos desprovidos dos valores essenciais e que repassaram aos seus filhos parte dos sofrimentos dos quais foram vítimas. Geralmente, acabam sendo pais que abandonam os filhos, seja por necessidade econômica, seja pela leviandade de sua existência fútil e vazia, sem objetivos morais, seja pela falta de diálogo e pela violência. Acabamos todos vítimas, sejamos crianças ou adultos, de uma sociedade que se preocupa apenas e simplesmente com os problemas políticos, econômicos e mundanos. Mas, a criança é a maior vítima ou a mais frágil de todas por não dispor dos instrumentos que um adulto tem para lutar em relação aos problemas e adversidades da vida.

Em *A Bolsa Amarela*, Lygia Bojunga a partir do universo infantil e os diversos aspectos que o envolvem entre eles o da convivência familiar e as relações sociais são o motivo da obra. Assim, a partir do universo da personagem-protagonista, Raquel, a autora retrata as angústias e conflitos que uma criança pode enfrentar, tanto em sua família, quanto na sociedade. Bojunga utilizou-se do artifício da criação de quatro mundos que compreendem o mundo de Raquel e o mundo da sociedade.

Na descrição do primeiro mundo, tudo é muito simples apesar das repressões cultivam-se uns poucos sonhos: Raquel sonha com a liberdade de poder comprar um sapato novo, falar e ser ouvida ao mesmo tempo, assim não seria reprimida ou ignorada pelos mais velhos (seus familiares) que não aceitam a sua opinião. Em sua trivialidade, o sonho da personagem perfaz uma noção de cidadania que nos remete aos direitos básicos do cidadão, principalmente em se tratando de uma criança que são: carinho, respeito, educação, vestuário e outros.

A personagem funciona como uma metáfora de todas as migalhas, de pequenas crianças que têm o mesmo destino nefasto. Já o mundo composto pela sociedade é movido pelo poder (autoridades, leis) e por pessoas que possuem autoritarismo, ignorância e posição de chefe, seguindo suas próprias leis, fazendo delas meros escravos sem qualquer direito. Sociedade essa que não se preocupa com a condição humana desses desprovidos.

Lygia Bojunga evidencia claramente sua denúncia da desigualdade entre os seres humanos e as injustiças sofridas pelas crianças. Na obra, a bolsa amarela é o lugar em que se encontra o mundo imaginário no qual Raquel procura as principais regras individuais que seriam resumidas no respeito aos seres humanos. No segundo Mundo, a família parte rumo à uma terra desconhecida que é a cidade grande, somente acalentada pela esperança de uma vida melhor. O pai de Raquel gostaria que o filho concluísse uma faculdade. Notamos isso quando Raquel relata em seu escrito para o amigo "André": *meu irmão tá tirando faculdade...*⁷

A família de Raquel é procedente da zona rural que faz o caminho para a cidade. As atitudes dos personagens não são aquelas de entregues à própria sorte, mas que gozava de um certo sossego familiar, é o que explica Raquel em um dos escritos dirigidos a Lorelai:

⁷ Lygia Bojunga Nunes. *A bolsa Amarela* (p.13) L.B. Nunes

*era tão bom quando eu morava lá na roça. (...) Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. (...) Mas mediante a nova vida da cidade começa os conflitos da menina Raquel e sua família.*⁸

A família de *Raquel* mostra não ter noção dos direitos de cada um, tendo em vista características de família patriarcal, valendo-se de autoritarismo com a própria menina, ao passo que quem mais detém essa autoridade são os irmãos de *Raquel*. Isso fica claro quando ela fala a respeito da irmã: *mas ela não deixou eu acabar de falar. Disse que eu não tinha jeito, me deu puxão de orelha, fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim...*⁹

Na obra *A Bolsa Amarela*, a figura paterna é mencionada em cinco momentos no qual quatro destes aparecem em seus (Raquel) escritos. Já que a família não dialogava com ela. Isso se confirma quando Raquel diz: *Ando querendo bater um papo. Mas ninguém ta afim. Eles dizem que não tem tempo. Mas, ficam vendo televisão*¹⁰. No primeiro momento, percebemos o descontentamento da menina (Raquel), ao escrever para seu amigo "André", nesta escrita aparecem as aflições que ocorrem em seu dia-a-dia: *(...) meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando a faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite*¹¹.

Está escrito na Bíblia Sagrada que o homem deverá comer o pão que for fruto de seu trabalho: *Comerás o pão com o suor do teu rosto (Gn3, 19)*. Assim, desde os mais remotos tempos sabemos que o trabalho é algo que ajuda na formação da identidade do homem e é um elemento indispensável que o ajuda a adaptar no meio ambiente em que vive transformando a este e a si próprio conforme as suas próprias necessidades. Em *A Bolsa Amarela*, os pais de Raquel eram castigados pelo trabalho pesado que os desgastavam não apenas em suas forças físicas; mas, sobretudo quanto a liberdade e convivência em família.

Dessa forma a mãe, o pai e os irmãos de Raquel, abandonam suas tarefas específicas na família, na qual a mãe tem um papel insubstituível. A ausência e a indiferença em relação aos filhos surgem como efeito desse processo; como afirma José Chombart de

⁸ Idem, Ibidem.

⁹ Idem, p. 19

¹⁰ Idem, p. 12

¹¹ Idem, p. 13

Lauwe: *Outros pais caracterizam por sua ausência da vida da criança: ausência imposta por suas condições de vida, pelos papéis que lhe fizeram desempenhar, por sua indiferença real ou sentido por seu filho*¹². É certo que as classes menos favorecidas sofrem mais para educar seus filhos em virtude da necessidade dos pais trabalharem e muitas vezes serem obrigados a deixarem seus filhos sozinhos em casa, ou mesmo de levá-los para ajudar na renda familiar. Mas ainda prevalece nessas classes a herança mais arraigada de uma sociedade machista, em que a mulher mesmo contribuindo tanto como o homem para o sustento da família ainda é mais subserviente.

Os filhos mesmo sendo frutos da relação amorosa podem atrapalhar, acabam sendo a causa das brigas constantes e da separação. Geralmente, o pai se conserva alheio e não procede como chefe de família, responsável pela educação dos filhos e acabamos tendo crianças inseguras, violentas e com enormes conflitos gerados pela ausência do pai. São essas as circunstâncias que envolvem a vida da personagem *Raquel*, que sentindo a falta do pai, mãe e irmãos, cria personagens imaginários através de seus escritos: *Mas um dia eu não tinha nada pra fazer e pensei. Ah também que mais que há? Fui no meu esconderijo de nomes, peguei um nome que eu adoro, inventei uma amiga para ele e comecei a escrever pra ela.*¹³

No romance inventado por *Raquel A Bolsa Amarela* percebemos que seus pais, em nenhum momento conversam com os filhos mais velhos em prol da menina mais nova, porque estes não tinham noção de que *Raquel* tivessem o mesmo direito, ou seja, direitos iguais aos dos outros irmãos. Os pais não enxergam que os irmãos mais velhos usam de suas idades para coagir os mais novos. Esta mãe não tem consciência de que os direitos são para todos. Dessa forma, permanecem várias mães que continuam vivendo em aceitação passiva, por não terem conhecimento sobre os direitos e liberdade de expressão. A família é responsável em cuidar de seus membros, de protegê-los, de encaminhá-los para uma vida digna e mais justa. Esta deve cuidar dos filhos para que não sejam envolvidos em um mundo diferente, cheio de problemas e complicações. Isso confirma quando Ferreira diz:

¹² LAUWE, Marie – José Chombart. *Um outro mundo: a infância*. (coleção estudos; v 105). São Paulo. Perspectivas, 1991., p. 78

¹³ Idem, p. 17- 8

*Cabe à família a incumbência de resguardar seus membros, livrando-os das más influências, protegendo-os...*¹⁴

A família de Raquel não tem noção dos seus direitos de cada um tendo em vista características das famílias patriarcais, valendo-se de autoritarismo com os próprios irmãos de Raquel. Isso fica claro quando esta diz: (...) *que eu não tinha jeito, me deu um puxão de orelha, fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim (...)*¹⁵. O mundo atual oferece desafios constantes para as famílias. São crises econômicas; problemas familiares; depressão; medo; síndrome do pânico; enfim é difícil enumerar todos os problemas que tem assolado as pessoas. Os pais devem cumprir os seus deveres diários, sendo responsáveis por suas ações as quais estabelecem em relação à vida diária. Os pais têm armas suficiente e ao mesmo tempo importante para que os filhos sejam meigos e compreensivos dando-lhes, amor, compreensão, carinho e diálogo.

Quando falamos de amor, estamos nos referindo ao amor exigente. Não ao amor só de doação, que tudo dá e nada recebe, que tudo concede e aceita. Este não. O amor exigente é aquele que exige e quer contrapartida. Que impõe restrições quando necessárias. Que faz exigências e estabelece normas e princípios exatamente porque deseja proteger os filhos de tudo aquilo que pode prejudicá-los. Na obra, a figura paterna é mencionada em cinco momentos únicos. Três deles aparecem em seus (Raquel) escritos, no quarto é quando esta escreve para Lorelai: *Meu pai e minha mãe viviam rindo (...). Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa*¹⁶. No quinto, a irmã de Raquel faz queixa dela para o pai, e quando lê outro escrito por ela mesma que é tudo inventado.

*Minha irmã pegou e leu,
(...)
e deu para minha mãe ler.
E o minha deu pro meu pai.
E o meu pai deu pro meu irmão.
E o meu irmão deu pra minha outra irmã.
E ela deu pra vizinha.
E a vizinha deu pro marido.*¹⁷

¹⁴ Literatura Infanto-Juvenil: Arte ou pedagogia?, p.69

¹⁵ Idem, p. 19

¹⁶ Idem, p. 18

¹⁷ Idem, p. 20

Raquel sendo criança observava algo errado em sua família, já que estes lhe tiravam toda a liberdade de viver em família. Esta não se preocupava com os valores eternos e o espírito da menina que também é um ser humano como outro qualquer. Os pais de Raquel não dão a atenção necessária, e isso se torna um ponto negativo para sua formação. Não estamos fazendo apologia do casamento, mas quando se decidir ter um filho, deve-se estar consciente de que este sim, é um compromisso indissolúvel. Diante disso, Nelly Novais Coelho afirma, *a gênese da tragédia humana está na própria condição humana e, no outro, a gênese está na sociedade. Neste sentido, a primeira é imutável e a segunda é passível de mudança desde de que altere os dados do sistema construídos pelos homens.*¹⁸

Percebemos que as escolas, preocupadas exclusivamente em *dar o programa* enchem o cérebro das crianças mais jovens de conhecimentos de Português, Matemática, História, mas deixam vazia a sua alma. Assim era a vida de Raquel quando ela afirma: *dar sumiço da aula de matemática*. As crianças são filhos da família em decadência e da sociedade desorientada em que vivemos, em virtude de tudo isso nós precisamos dar mais assistência e, sobretudo, amor a elas, mas também ajudar sempre as crianças que nos cercam a crescer na vida e procurar não destruí-la.

O terceiro mundo retratado pela autora na obra é um pouco mais complexo porque envolve o processo de humanização do *galo Afonso* que sonhava com a liberdade para todos da sua espécie com a tomada de decisões em conjunto sem a necessidade de chefes, inclusive ele se recusava a ser o *chefe das galinhas*. Desse modo, Afonso entusiasmava-se com a possibilidade de *civilidade*, à medida que, o pleno progresso era atingido. Assim, não haveria a necessidade de acatar as ordens de seus donos e ao mesmo tempo *copular* e dar ordem às *quinze galinhas*.

O galo Afonso representa a ação consciente. Ele é o modelo do verdadeiro espírito cidadão e age em defesa dos seus direitos de cidadão. Ao se tornar tão consciente, ele não deseja essa liberdade somente para si, mas para todos. A partir disso, percebemos o que Laura Sandroni quer dizer sobre esse aspecto evolutivo representado por Afonso de que o mesmo age como um ser humano esclarecido *que detesta ter que mandar na quinze*

¹⁸ Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, séculos XIX e XX, (p.666).

*galinhas do galinheiro e por isso foge; acredita na democracia e na participação...*¹⁹ Em razão dessa liberdade a menina Raquel, trancava-se dentro de si, já, que a mesma tinha consciência de seus direitos de cidadã. Em virtude disso, os dois eram defensores de suas idéias socializantes e contra o poder autoritário, referido ao dono de Afonso e aos pais de Raquel.

Afonso e Raquel são exemplos para muitas pessoas pelo fato de atingirem um alto grau de humanidade através de suas próprias experiências e se tornarem desapegadas de si mesmos a ponto de se tornarem esclarecidos. Isso mostra-nos que nunca devemos ser passivos e calar diante das coisas que acontece em nosso cotidiano, devemos lutar pelos nossos ideais e expor nossas idéias, assim teremos condições de vivermos com mais dignidade. Foi por isso que “Afonso” fugiu do galinheiro. Este estava sempre em companhia de Raquel. Ele é o apoio na vida dela. Isso se justifica quando Maria José diz: *os animais têm um significado, estes significam a vida com suas formas, leis e mistérios tanto como criança como para a criança.*²⁰ Esses queriam seguir suas próprias vidas sem a interferência de seus donos e de seus familiares.

Nelly Novais Coelho considera que *a necessidade de sobrevivência física é o ponto de partida para as aventuras da busca.*²¹ Tornando-se por base, assim são nossas crianças, as mesmas fogem de casa em busca de sua liberdade e isso acontece por não conseguirem viver num ambiente familiar, apresentar-se muitas vezes insaciados pelo fato de alguns pais serem severos, por motivo financeiro ou outros fatores.

O Afonso é apenas um animal, mas democrático como alguns seres humanos. Tem a concepção de socialização, devido a sua existência e função no galinheiro. Os anônimos donos determinam e preservam autoritariamente os papéis individuais a serem desempenhados pelos seus habitantes desde o nascimento, coibindo-os de maneira que contrariem o indivíduo da função que foi imposta. Segundo Nelly Novaes²², *os animais que se dotaram de alma...* Assim diz Buhler, *é que são como tipos e, em geral, tem apenas uma*

¹⁹ Laura Sandroni. De Lobato a Bojunga: As reinações renovadas. Rio de Janeiro, Agir, 1987, página 158

²⁰ PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil voz de criança*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998, p.291.

²¹ Idem, p.14.

²² Idem, p. 124

*qualidade relevante elevada ao máximo. As qualidades físicas ou morais são nítidas em cada personagem.*²³

No quarto mundo, tudo gira em torno de um só pensamento *eu tenho que ganhar de todo mundo e mais nada*, com base neste pensamento do *galo Terrível*, está nossa sociedade. Assim como *o galo* várias crianças entram para o mundo das drogas ou do crime, formam gangues e acham-se no direito de vencer a outra, com isso tiram a vida do próximo. Desse modo, acontecia com *Terrível*, por ter o seu pensamento costurado.

Laura Sandroni²⁴ considera que é na obra *A Bolsa Amarela* que Bojunga produz um livro que apresenta *seres inanimados com vida e atividade mental* equiparadas às dos seres humanos.

Os acontecimentos que envolvem *o galo* são corriqueiros em nossa sociedade, várias crianças entram para o mundo do tráfico de drogas ou do crime, formando gangues e aumentando a onda de desvalorização da vida. Estamos numa sociedade em que o conhecimento científico é predominante e a sua conseqüente desumanização, como Carl Jung diz: *o conhecimento científico diminuiu o grau de humanização do nosso mundo.*²⁵

Com isso, a convicção é de que o conhecimento científico deve estar voltado para cumprir uma função social, para aumentar o bem-estar do ser humano e não para ser a causa de sofrimentos maiores como acontecem com os projetos da indústrias bélicas. As novas gerações precisam ser mais humanizadas, uma vez que a competitividade destrói os elos mais importantes de uma família, de uma comunidade. Enquanto seres humanos precisamos de uma atitude crítica diante de determinados valores dominantes, vivências e condicionamentos que não levam em consideração a preservação ecológica e a qualidade de vida da população, principalmente, os direitos da criança de ser respeitada e protegida pela sociedade.

A Bolsa Amarela é um retrato das relações sufocantes que uma criança pode estar vivendo no seio familiar e no choque que ela tem no convívio social. Nesse sentido é uma crítica em relação ao contexto social, mostrando-nos a violência que impera como uma forma de manifestação de superioridade num mundo competitivo como o da sociedade

²³ Idem, p.124

²⁴ Laura Sandroni. De Lobato a Bojunga: As reações renovadas, p. 158

²⁵ Idem, p. 149

contemporânea. Entretanto, a obra é fundamentalmente a reafirmação de uma linha literária que evoluiu grandiosamente nas últimas décadas no contexto da Literatura Infantil e que procura aproximar e aprofundar-se no universo infantil, retratando suas angústias e conflitos. Deste modo, percebemos que a humanidade deve mudar sua mentalidade, revendo seus conceitos e colocando os conhecimentos disponíveis ao bem-estar de todos sem preconceitos e exclusão de qualquer espécie, combatendo duramente o tráfico de drogas e o crime organizado.

CAPÍTULO III

OS QUESTIONAMENTOS DE RAQUEL E O SEU PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

A Bolsa Amarela Raquel traz uma das mais importantes atividades que uma criança é capaz de fazer como recurso para a solução de seus conflitos que é o ato natural do ser humanos a tarefa de filosofar, criar, imaginar, significar. É com esse intento que a protagonista Raquel realiza tarefas quase impossíveis com a *invenção mágica* de seus personagens *imaginários* que são representados por animais ou objetos, os quais se somam as interferências dos pais e dos irmãos que se colocam psicologicamente como personagens antagônicos a ela.

O fato de a criança criar um mundo com personagens imaginários possibilitam a ela quebrar paradigmas, sair do que é convencional e buscar uma consciência diferente, dar um novo significado que a ela (Raquel) existe ou está faltando existir. Assim, vivendo numa família que se mostra patriarcal e antiliberal, Raquel é impedida e podada em seu crescimento necessário para integrar e interagir no grupo social a que pertence. O romance criado por Raquel mostra um contexto que é o da *A Casa dos Consertos*, em que homens e mulheres podem assumir os mesmos valores e as mesmas tarefas de modo que as responsabilidades sejam equilibradas e divididas rumo à constituição de uma harmonia familiar. As provas se repetem através de seus desejos: dessa forma questionava a busca do mais precioso: a interação entre família que não se realiza como nas vezes anteriores. A família pode ser definida como uma instituição, conforme vemos em:

*Instituição em que é não só um conjunto de relações concretas estão ligadas ao real funcional, como também a uma rede simbólica que contém representações de seus membros, representações entre eles, dos lugares que deverão ocupar, dos limites que deverão respeitar, das práticas que devem desenvolver*²⁶

A obra trata a família como uma instituição que precisa rever seus conceitos e que necessita acompanhar as mudanças econômicas, éticas e históricas. Nesse sentido, a família como instituição é um fator importante na formação do indivíduo, responsável por valores básicos, enquanto a escola orienta na socialização do mesmo. Segundo Sônia Viera Coelho, *no momento universal é abstrata, a instituição teria como conteúdo valores, normas e padrões ideológicos da sociedade que orientam a socialização.*²⁷

Para Raquel, cada um dos animais ou objetos pode ter similaridade com outros seres humanos, redescobrimo o princípio da vida cotidiana que os integra ao pensamento para as vias do mundo imaginário. Esses seres, objetos ou animais, representam conceitos e alguns relacionam-se com a infância e a transição para a adolescência, podendo definir ou compreender-se integralmente, sobretudo em especial uns com maturidade e outros com experiência vivida no dia-a-dia.

Assim, ocorria na vida da menina *Raquel* que enfrentava vários obstáculos em relação à família, mas no desenrolar de seu romance a protagonista (Raquel) através de sua personalidade luta e vence o desafio da vida, passando a conscientizar-se de seu direito à liberdade e ampliando a sua conscientização enquanto criança. Sandroni vê em Raquel que a forma restrita de vida que leva acaba produzindo o efeito do amadurecimento ou evolução e assim, os símbolos de transcendência são aqueles que representam a luta do homem para alcançar seu objetivo.

Na obra de Lygia Bojunga, Raquel a personagem principal de *A Bolsa Amarela* dizia que quando suas vontades engordavam a bolsa amarela pesava (...) *eu mal tava agüentado carregar a bolsa amarela, (...), mas que preso puxa vida! Cheguei em casa mais morta do que viva.*²⁸ Isso significa que suas vontades não eram originadas da sua satisfação pessoal, mas sim pela repressão do meio, pois só através delas (vontades) teria participação e não se

²⁶ In Sonia Vieira Coelho. As transformações da Família no Contexto Brasileiro: Uma perspectiva das relações de Gênero, p. 08.

²⁷ Idem, p.09.

²⁸ Idem, pág. 58

sentiria realizada dentro do convívio social. À medida que ela percebeu ser essencial como qualquer outro ser humano, sem necessariamente concretizar suas vontades, passou a pensar diferente a partir do momento que entendeu que o mesmo sendo criança poderia ter voz ativa, quando disse o que pensava sobre tia Brunilda: *Ela não esta ligando a mínima o que Alberto faz comigo, porque é que vou ligar para ela?* (p. 67).

A personagem (Raquel) é muito inteligente, mas também, consciente da desigualdade entre as pessoas. Desse modo, ela denuncia os gastos da tia Brunilda, durante o almoço na casa desta, em que é obrigada a comer e fazer o que não gosta: comer bacalhau, cantar e dançar. Sendo assim, mais uma vez acuada pelo medo da violação de seus segredos, expõe o que pensa de todos, e sobre tudo está mais consciente em sua afirmação sobre a família e a interação dentro da sociedade. Isso fica claro quando Raquel diz: *Porque vocês estão sempre paparicando ela, é ? (...) Porque ela é rica, é ? (...) Porque ela tá sempre dando dinheiro, é?* (p. 68).

Em particular Raquel questionava a riqueza, o conforto de uns e a pobreza de outros. Isso acontece em nossa sociedade o rico fica cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre. De um ponto de vista da menina (Raquel) consciente mostra a mulher dominada pelo consumismo. Tudo isso justifica quando Raquel diz:

Se eu fosse ele, eu ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo, (...), se ele reclama, ela diz logo: 'Vou arranjar um emprego:' (...) 'De jeito nenhum!' E dá mais dinheiro . Para ela comprar mais (p.26).

O primeiro capítulo *das vontades*, a protagonista *Raquel* possui um *esconderijo de nomes* (p.18). *A bolsa amarela*, onde escolhe o nome de Lorelai para inaugurar os entes ficcionais criados por ela mesma (Raquel) nos seus treinos de escritora de cartaz e romance. Segundo Nelly Novaes Coelho é

através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam , o simbolismo que está implícito nas tramas e personagem vai agir em seu

*consciente ou pré-consciente e, ali atuando, ajudam-nas a, pouco e pouco resolverem seus conflitos interiores morais*²⁹.

Lorelai é um dos nomes de sua preferência(Raquel), assim inventa uma amiga e começa a escrever-lhe a decadência de sua família, ao se mudar da roça para a cidade. Em resposta, Lorelai, aconselha-a fugir do ambiente reprimido: *Você foge e pronto*, (p. 19, A.B.) Amarela . Esse universo de troca de fantasia entre Raquel e Lorelai, é descoberto por minha irmã³⁰, (Raquel), que confunde realidade com ficção. Dessa forma seus familiares a repreendem. Para Nelly Novaes, *a criança tenta construir sua própria imagem ou identidade e se depara com os muitos estímulos ou interdições aos seus impulsos, (...)* ³¹

Essa repreensão da família é por acharem que Raquel está sendo seduzida por Lorelai. Deste modo Raquel resolve não escrever mais cartas e nem romance, estes desaparecem, mas, novamente reaparece, como *uma menina assim da minha idade*³², onde Lorelai vive com sua família numa relação social, ou seja, ambiental, que reina paz, harmonia, respeito e dedicação ao lado do pai, da mãe e do avô que desempenha uma função totalmente o oposto a de Raquel. O *galo Afonso* representa a voz comunitária, voz ativa, equilíbrio de si próprio, e desprovida de carência, de hierarquia e de opressão. Tudo isso reflete nos seu inconsciente. Novaes afirma: *(...) a criança é levada inconscientemente a resolver sua própria situação separando o medo que a inibe e ajuda a enfrentar os perigos e ameaças que sentem a sua volta e assim, gradativamente , poder alcançar o equilíbrio adulto*³³ e complementar a crítica literária *a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida.*³⁴

Em virtude de sua conscientização em *A Casa dos Consertos*, Raquel descobriu que tudo tinha conserto, que o mundo e pessoas eram diferentes e havia uma esperança, que poderia ter amigos, se divertir, ser útil aprender a ensinar com outras pessoas. Aprender que cada ser tem um significado e a importância da liberdade de pensamento, por mais simples e infantil (criança) que seja tratada com amor entre as pessoas e tenha a oportunidade de

²⁹ Idem, p.. 33

³⁰ Idem, p.. 19

³¹ Idem, p. 33

³² Idem, p. 96

³³ Idem, p. 34

³⁴ Idem, p.. 35

atuar como gente transformadora do mundo dando o verdadeiro valor de cada ser, e que a criança é um ser tão importante quanto o adulto, e o homem é essencial quanto a mulher, permitindo que Raquel se auto conheça a si mesma e que se amasse como ser infantil que era a elevação mais significativa do ser humano a passagem do egocentrismo para o sócio-centrismo (ego), real, afetivo, inteligente, que reconhece e valoriza o outro, como elemento chave para sua própria auto realização³⁵.

A Bolsa Amarela é um romance narrado em primeira pessoa em que Lygia Bojunga Nunes introduz o ser humano em sua obra sem deixar de utilizar o recurso ao animismo. Esta tem um grande número de objetos que possuem vidas próprias e cada um simboliza determinados conflitos da personagem *Raquel*. Percebe-se que Lygia opta pelo realismo cotidiano onde o estranho e o imaginário irrompem com fenômenos absolutamente naturais” diante disso vemos que a realidade para a criança esta no pleno da fantasia e os sentidos adquirem características concretas.

A coibição da família de Raquel negando a ela a liberdade de exercitar o poder da imaginação e inventar um amigo invisível é uma das mostras de como a família pode oprimir uma criança muito mais do que contribuir para o seu crescimento psicológico e criativo. No entanto, a criança proibida de um gesto, rapidamente formula outras idéias. Assim, Raquel ao ter negado a imaginação, busca escrever um romance em que tudo é inventado com tal artimanha que ninguém poderá criticá-la ou reprimi-la.

No romance imaginário de Raquel o protagonista é um *Galo-rei* que não concordava com o nome escolhido pela sua criadora. Esse galo não concordava com a monarquia em que o país era governado, pois o reinado passava de pai para filho, sendo assim todos deviam obediência. O *Galo-rei* era o chefe de *um galinheiro com quinze galinhas*, que vivia atormentado com a função que lhe foi atribuída. Denunciado pelas galinhas do galinheiro aos donos dos mesmos tornando-se prisioneiro novamente.

Diante da imposição de seus donos e o comodismo das galinhas, novamente foge. Em virtude desta passa o romance inteiro em aflição: (...) *eu andei me escondendo numa proporção de lugares...* (p.37) Confuso e desgostoso como o nome, sendo que este na linguagem popular é um pedaço de couro traçado com uma argola no início e três pontas no

³⁵ , Idem, p. 33

final, tanto serve para bater em crianças e animais. Em particular achava excêntrico ao ser chamado de *Rei*. *E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: Ei Rei !” Parece que você está dizendo que errou.*³⁶ Este desejava sair pelo mundo e defender suas idéias, mas não sabia, exatamente, quais eram. Dessa forma corporifica a vontade de ser escritora de Raquel, que tinha vontade de escrever, mas também não sabia o que escrever *Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só para treinar comecei escrevendo umas cartas.*³⁷ Marie-José³⁸ diz que o animal é freqüentemente caminho pelo qual a criança descobre a natureza. Ora ele oferece por ele mesmo as imagens da vida em suas formas mais diversas estranhas, ora são as leis das existência que se revelam através deste ou daquele aspecto particular.

O romance escrito por Raquel retrata sua realidade corriqueira e torna-se um meio dela expressar a sua angústia diante da opressão do seio familiar. Ela se refugia no quintal de sua casa diante da exigência da família como uma válvula de escape, que mesmo assim na observação de Regina Zilberman de que *Raquel é sufocada pelo ambiente doméstico, do qual não escapa*. O Galo-rei depois de fugir da história inventada por *Raquel* deixa de ser um mero personagem e passa a ter vida real, indo morar na bolsa amarela.

O romance escrito por Raquel é interessante porque o lindo *galo rei* acaba preferindo trocar o título majestoso que tinha na ficção, pelo simples nome de “Afonso”: *Você se importa se eu pego aí no bolso sanfona um outro nome pra mim? (p.38)/(...) Peguei o Afonso.*³⁹ O galo Afonso se esconde como se fosse um marginal, mascarando-se para escapar das perseguições de seus antigos donos, preserva suas idéias e em prol das quais passa a lutar. Todo esse processo que ocorre com o galo *Afonso* transforma-se e passa a ser o seu projeto de vida, *sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém* (p.94). Na relação amorosa entre a criança e o animal, percebe-se, pela razão, as mesmas agressões sofridas tanto por *Raquel* como pelo *Galo-rei*

Outras crianças raramente se contentam em descrever uma simples amizade entre a criança e um animal. Se o animal não desempenha o papel de iniciador ou revelador de sentimento, associado à infância, a criança descobre uma visão de mundo. Em *A Bolsa*

³⁶ Idem, p. 38

³⁷ Idem, p. 12

³⁸ Idem, p. 288

³⁹ Idem, p. 39

Amarela, o galo *Afonso* é o revelador dos sentimentos de *Raquel*, este simboliza a personalidade de *Raquel* uma vez que age como um ser humano em consequência de seu esclarecimento. Detesta mandar, porque acredita na democracia, e nas decisões em conjunto .

Desse modo, *Raquel* gostaria de ter uma família unida e que todos pudessem resolver os problemas em conjunto, inclusive ela. *O rabo do Galo-rei* (Galo Afonso) com sua beleza, também, metaforizava a vida de *Raquel* que imaginava uma linda família com um convívio harmonioso, sendo respeitada por todos. Mas como as penas *mudavam de cor*, assim também voltava a imaginação de *Raquel* para a vida real.

(...)

O rabo do galo era a coisa mais genial que eu já vi, porque de repente dava um troço nas penas, e em vez delas ficarem certinhas que nem o resto do corpo elas ficavam com uma cara zangada, se arrepiavam e mudavam de cor (tinha pena vermelha, laranja, dourada, tinha até uma peninha branca, não sei se de idade ou de bossa)...

Dessa forma, as cores do *rabo do Galo-rei* simbolizam algo em particular. A cor vermelha representava a revolta, as brigas em família por causa dos escritos de *Raquel* (suas cartas e romances inventados). A cor marrom simboliza uma cor fechada (mais escura) representando seus pais e irmãos. A cor laranjada sendo mais forte e vibrante simboliza a menina *Raquel*. Enquanto a cor dourada representa a riqueza de tia Brunilda, a medida que *Raquel* percebe que uns têm em abundância e outros não têm o necessário para comer, beber e muito menos o que vestir. *Raquel* percebe que uns mandam e outros obedecem. A cor branca representa a idade dos pais ou dos irmãos mais velhos que *Raquel*.

O rabo do Galo-rei (Afonso) desempenha um papel fundamental na estruturação do esquema emocional da criança, ou seja, na definição do próprio pensamento, ajudando na formação de sua identidade, à medida em que ela deixa de se sentir uma pessoa sem finalidade social, ou seja, inútil, especialmente para a camada social a que pertence.

Todas as modificações comportamentais da adolescência sobre o mundo externo, exigem novas pautas de convivência, que são vividas a princípio como invasão. Muitas vezes, isso criança leva a reter como defesa de seus traços infantis, ainda que também

coexista o prazer e o afã de ocupar realmente o novo *status*. A perda de sua identidade de criança, implica a busca de uma nova identidade que se vai construindo num plano consciente de inclusão na sociedade.

A Bolsa Amarela mostra as mudanças e transformações na vida da menina *Raquel*, que no desenrolar do seu dia-a-dia; sobretudo em família vai se preparando para enfrentar as grandes adversidades da vida adulta. À medida *Raquel* vai constituindo a sua identidade e se deparando com outras instituições além da própria família, isso se confirma no que *Raquel* diz: *Comecei a Pensar Diferente*. E é assim que:

O confronto entre os diferentes processos sociais, que geram os sistemas simbólicos, cria descontinuidade no processo de socialização. Essa descontinuidade explica as crises e as mudanças na construção da identidade, na preparação do sujeito, como nas relações familiares, quando o indivíduo se depara com outras instituições.

(Sônia V. Coelho. As transformações da Família Brasileira. p. 10)

O conflito surgido da dissociação entre a mudança comportamental e a psicológica leva o adolescente à necessidade da planificação característica desse período, que abarca o problema do ser humano frente ao mundo, até os fatos mais insignificantes na vida cotidiana. A perda do mundo infantil e a consciência de que se vão produzindo mais modificações incontroláveis dentro de si, movem o adolescente a efetuar reformas exteriores que asseguram a satisfação de suas necessidades da nova situação em que agora se encontra frente ao mundo.

A presença de personagens inanimados como aparecem na vida de *Raquel* é crucial para que ela se descubra a sua individualidade, inteligência e domínio sobre seus impulsos. O próprio Perrault, um dos precursores da Literatura Infantil, considera que *são mais reais para nós que todos os seres anônimos* que cruzam diariamente nossos caminhos e logo desaparecem no esquecimento.⁴⁰ Dessa forma, aconteceu na vida da personagem *Raquel*, no capítulo VIII com *História de um Galo de Briga e Um Carretel de Linha Forte*, que quase todos os personagens antagonistas de seu romance foram soltos por ela (*Raquel*), em

⁴⁰ Nelly Novaes Coelho. In: O Conto de Fadas, pág. 130

exceção o *Galo Terrível*, *Alfinete de Fralda*, *A Guarda-Chuva*, *Galo Afonso* e suas duas vontades acontecem de maneira diferente.

No capítulo VIII da obra, o *Galo Terrível*, foge de dentro da *bolsa amarela* e vai para a praia. *Fui brigar a briga que eu tinha que brigar.* (p. 76) Mediante esta situação, *Raquel* passa a imaginar uma forma de justificar a persistência de *Terrível*, que era velho e em consequência da briga machucara-se, e começou a perder muito sangue. Perdeu duas penas e foi ficando cansado. Ao passo que *A linha Forte* que morava dentro da cabeça de ‘*Terrível*’ notou que, se a briga continuassem este morreria. Esta (...) *Linha Forte* cada vez fazia mais força para dar um jeito. Quanto mais o *Terrível* apanhava, mais força ela fazia. Apesar de Sandroni considerar que o galo *Terrível* possa ter morrido em uma briga com um galo mais jovem, no enredo, ele não morreu e sim foi salvo por uma *linha de anzol*:

(...) *Terrível* desatou a engolir água, começou a afundar.

E nessa hora – justinho nessa hora – que a linha de anzol do homem do barco reconheceu o *Terrível*. Ela viu o que é que estava acontecendo, se lembrou da amiga dela costurando o pensamento do galo e – zuque! – deu uma guinada e jogou o anzol na crista do *Terrível*. O anzol fisejou a crista, e o dono do barco – crente que aquele peso era de peixe – suspendeu o caniço e foi enrolando a *Linha de Pesca*. Enrolou, enrolou, o *Terrível* foi chegando perto do barco, chegando, chegou! Só aí é que o homem viu que não era peixe, era galo. Mas, não ligou: ele estava mesmo procurando companhia.⁴¹

Sandroni vê nesse episódio de *Terrível* algo fundamental para o amadurecimento de *Raquel*, uma vez que ela encontrará uma perspectiva de libertação da opressão familiar e adultocêntrica que vive. A obra serve para mostrar o crescimento da personagem *Raquel* que se descobre e supera suas dificuldades, formando sua personalidade a partir de suas próprias histórias. A imaginação é peça fundamental para que *Raquel* resolva seus conflitos diante dos adultos e do mundo.

Lygia Bojunga consegue mostrar através dessa personagem, que a criança não é um ser gracioso, mas sim um ser que se percebe no mundo. Assim, não podemos nem tratar as crianças como adultos em miniaturas e muito menos infantilizá-las. A criança tem um grau de percepção muito elevado ela óde elas podem até ser dominada, mas não convencida pelo que os adultos falam ou determinem que ela seja.

⁴¹ A Bolsa Amarela, página 88-9.

Diante dos relatos na obra *A Bolsa Amarela*, é importante verificar a necessidade que a criança tem de desenvolver sua imaginação, é através dela que obterá a criatividade e a evolução de seu raciocínio e pensamento. Lygia Bojunga transcreve na personagem *Raquel*, uma realidade que a sociedade faz vista grossa ao olhar. A liberdade de expressão que as crianças não têm, os pais querem que os filhos sejam o que eles não foram ou muitos querem que sejam como eles, sendo vetado o direito de escolha.

Na obra *A Bolsa Amarela* o leitor tem a oportunidade de repensar seus atos diante da sociedade infantil, dando mais credibilidade para que haja uma sociedade transformadora e talvez do que a que existe hoje. Como foi relatado anteriormente, na obra, também possui os pontos negativos que são a falta de oportunidade que a criança tem para expressar seus pensamentos, suas vontades, seus desejos e isso faz com que elas se reprimam formando cidadãos passivos diante da sociedade. Cidadãos que não conhecem seus direitos e deveres, não tendo disposição para lutar por uma sociedade melhor.⁴²

A personagem *Raquel* reclama que ninguém a ouve e a vê e que ela gostaria que a família a tratasse com igualdade, como acontece com os outros membros. A personagem ao relatar este fato está apontando situações de convivência familiar que se tornaram comuns no mundo moderno. Vemos a fragilidade de uma criança que muitas vezes é exposta na frente de uma televisão para dar sossego aos pais ou entregue a uma escola ou creche para que os pais possam trabalhar. Além disso, muitos acreditam que criança só fala bobagem, mas elas estão observando na realidade o comportamento dos adultos e possivelmente aprendendo com eles os maus exemplos. Se as crianças não são ouvidas, isso as afeta de tal maneira que as consequências psicológicas são irreversíveis. Elas sentem-se rejeitadas diante da sua própria família e acabam buscando refúgio nas drogas, prostituição e até abandonando a família e passam a morar na rua.

⁴² Laura SANDRONI. *A estrutura do poder em Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (63) 11-12, out./dez., 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da obra *A Bolsa Amarela* observamos que esta é uma obra que nos mostra a realidade da sociedade em que vivemos, a forma como as crianças convivem com os problemas que existem no cotidiano familiar. Através da personagem *Raquel* pudemos ver um retrato do conflito do dia-a-dia de uma criança na fase infantil, na qual os adultos impõem suas normas e leis.

Deste modo, a criança contesta por seu ser (infantil) e pela situação em que se encontra no mundo dos adultos, e também a maneira de como está sendo socializada ante aos adultos. Dessa forma *Raquel* questionava as diferentes classes e as condições de vida sofrida ou normas impostas em oposição ao seu universo. Vimos o quanto foi difícil para a menina *Raquel* conviver com os conflitos familiares no cotidiano. Assim, ela luta pela defesa de suas vontades, constrói sua própria identidade em relação a si mesma e ao mundo à sua volta, passando a compreender certos valores da vida humana.

A leitura desta obra *A Bolsa Amarela* proporciona-nos compreender a importância que possui o meio em que vive os jovens para sua formação, o quanto estes sentem necessidade de dar significado as coisas e conquistar seu espaço no mundo. Tanto a família, a escola e a sociedade têm uma fundamental colaboração na vida dos jovens, são estas; instituições que vão direcionar e causar mudanças no comportamento psíquico-social. O ser infantil como qualquer outro necessita sentir-se integrado no convívio social, respeitado e livre para questionar, criar... viver.

Nessa visão, percebe-se que a literatura é uma poderosa ferramenta à medida que retrata um universo tão rico como o de uma criança, cheio de situações que podem ajudar um pouco mais a transformar o mundo que oprime a infância humanizando-a. Os

problemas, constatados na obra, nos faz pensar mais sobre a infância e compreendê-la. Assim, a literatura desperta no homem a luta pelas suas idéias e direitos.

BIBLIOGRAFIA

- BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. 32.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- COELHO, Nely Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira. Séculos XIX e XX*.
 _____. *Literatura infantil: Teoria, análise e Didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *A inovação lingüística em Lygia Bojunga*. *Ciência e Cultura*. São Paulo, SBPC, 35 (12): 1948-53, dez. 1983.
- HALL, Cálvin Springer & LINDZEY, Gardner. *Teorias da personalidade*. 18 ed. São Paulo: EPU, 1984.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. Ensaio 82. 2.ed. São Paulo: Ática., 1984.
- A LITERATURA INFANTIL São Paulo: Brasília: Quiron LTDA, 1998.
- NUNES, Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela*. 32.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- PAIVA, Newton Psique, v. 1 nº 1 (nov 1993) FAC. Ciências Humanas e Letras/ Linicentro. V10, nº 16, maio. 2000/ BH2000
- PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil voz de criança*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PIAGET, Jean. *A formação símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho imagem e representação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Afiliada, 1964.
- SANDRONI, Laura Constância. *A estrutura do poder em Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (63) 11-12, out./dez., 1980.
- _____. De Lobato A. Bojunga. *as Reinações, Renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SOUZA NETO, João Clemente de. *História da Criança e do Adolescente no Brasil*.

Revista UNIFEO: Ver. Semestral do Centro Universitário FIEO, Ano 2, n.º 03, 2000.

TEIXEIRA, João Mercedes. *Álbum de família*. São Paulo: Gente, 1993.

TODOROV, Tzevetan. *Introdução a literatura fantástica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.